

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2000- ANO IV - Nº 43

EDITORIAL

Seis candidatos concorrem ao cargo de chefe do Executivo Municipal de Piquete nas eleições de 1º de outubro próximo. Teoricamente, todos estão dispostos a trabalhar para o desenvolvimento de nossa cidade. Nesses meses que antecedem as eleições, articulam-se politicamente, fazem promessas, urdem os mais diversos mecanismos, visando conquistar nosso voto. Cada candidato procura vender uma imagem de empreendedor, de homem de ação, de salvador da Pátria: saúde, educação, emprego, meio ambiente e turismo são prioridades de todos eles. Só não mostram claramente para nós, eleitores, como pretendem captar recursos para efetuar suas ações.

Piquete precisa de um Prefeito com visão de futuro, idéias novas e arrojadas, com a cabeça arejada, capaz de elaborar e executar projetos que levem ao desenvolvimento da cidade. Nossa população deseja e merece melhorias básicas; cansou-se de discursos vazios e promessas eleitoreiras. Ela está farta da inoperância administrativa e da eterna desculpa da falta de recursos para os empreendimentos municipais. Que Piquete é uma cidade pobre e a arrecadação municipal é incipiente, todos sabem. As dificuldades do município são grandes. Apesar do cargo de Prefeito ser espinhoso, ele é bem disputado. Cabe-nos uma reflexão sobre o que leva o cidadão a pleitear esse cargo: seria o salário, o poder que seduz ou ainda os benefícios que dele provêm?

Sabemos que é preciso inovar. O modelo administrativo empregado é obsoleto, centralizador. Hoje trabalhando qualidade de vida para todos os munícipes, não é tarefa das mais simples. Para realizar essa obra é preciso, além de grande vontade de trabalho, competência técnica, conhecimento, articulação política e, principalmente, a participação da comunidade nas diversas ações.

A tarefa de organizar o município com crescimento ordenado, adequando-o à ocupação do solo, proporcionando qualidade de vida para todos os munícipes, não é tarefa das mais simples. Para realizar essa obra é preciso, além de grande vontade de trabalho, competência técnica, conhecimento, articulação política e, principalmente, a participação da comunidade nas diversas ações.

Independentemente do resultado do pleito de outubro, o eleito encontrará uma população cada dia mais consciente de seus direitos, exercitando a cidadania, cobrando e fiscalizando a administração. Dos outros candidatos espera-se que possam, com suas idéias, apoiar e somar com o futuro Prefeito, trabalhando por Piquete.



Foto Alzira Beckmann

A Câmara Municipal de Piquete é o edifício mais importante do município. A participação da comunidade, cobrando os vereadores, é uma das mais importantes manifestações de cidadania.

É hora de escolher

É incontestável o trabalho dos meios de comunicação procurando conscientizar os eleitores da importância de escolher bem os futuros administradores de nossa cidade.

Os principais jornais, semanários e canais de TV do país noticiaram, nas últimas semanas, uma série de reportagens sobre a importância das Câmaras Municipais e o papel dos vereadores. Essas notícias têm estimulado calorosos debates na população, que assiste, indignada, à inoperância do Legislativo. O objetivo das reportagens foi provocar uma reação na sociedade, que precisa exercitar a cidadania, fiscalizando e exigindo ação de nossas Câmaras.

É incontestável, também, que ao longo do tempo, o papel do vereador vem sendo desvirtuado de suas verdadeiras atribuições para outras atividades alheias ao interesse comum dos munícipes.

Em Piquete, não diferente de outros lugares, nossas sessões de Câmara têm sido enfadonhas, com o plenário vazio e vereadores que parecem estar desinteressados pela solução dos problemas da comunidade. No entanto, a Câmara oferece um número de vagas talvez muito maior do que o necessário para uma cidade tão pequena: 11 vereadores. A quantidade de candidatos que concorrem a uma dessas vagas, mais de 150, só se explica pelo atraente salário. Enquanto em qualquer empresa um empregado trabalha todos os dias oito horas ou mais, nossa Câmara realiza apenas duas sessões mensais, que duram poucas horas.

Não obstante a atual realidade, o Poder Legislativo tem função das mais importantes, uma vez que determina e regulamenta toda a ação do Executivo. Legislar, fiscalizar o cumprimento dessas leis e coibir, com determinação, as eventuais falhas e omissões do Executivo, é papel preponderante de nossos vereadores.

Como se não houvesse problemas de real importância para serem solucionados nas áreas da saúde, educação, empregos, entre outros, nossos vereadores têm pautado suas ações na outorga de títulos e diplomas, propondo nomes de ruas ou executando o papel de assistente social, na tentativa de solucionar problemas de competência exclusiva do poder Executivo.

Com a Constituição de 1988, o poder das Câmaras foi ampliado, dando-lhes mais autonomia e, conseqüentemente, maiores responsabilidades. Pela sua natureza, a Câmara Municipal é a base local da democracia. É, por isso, importante, sabermos escolher nossos vereadores, pois a omissão da sociedade colabora com a irresponsabilidade de nossos governantes.

Ademais, os vereadores não poderiam jamais se esquecer de que são os legítimos representantes do povo e, portanto, devem expressar a vontade da comunidade que representam e não interesses individuais, ou de pequenos grupos descomprometidos com os princípios de cidadania, do bem comum e do bem-estar da população.

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

A Guarda Mirim de Piquete durante visita a Aparecida. À direita, Sr. Silvio Theodoro, instrutor dos guardinhas. Foto do final de década de 60.

A Guarda Mirim de Piquete

Entre os muitos serviços criados por iniciativa da Sociedade Amigos de Piquete (SAP), há um que merece toda a atenção de nossa gente, não só pela utilidade, como pelo alcance social dele decorrente.

Trata-se da antiga Guarda Mirim.

O problema do menor abandonado é um fato social muito grave, um constante desafio à ação de nossas autoridades, educadores e todas as pessoas de responsabilidade.

Via de regra, ele é um delinqüente infantil em potencial e, quem sabe, desgraçadamente, um futuro marginal.

Também aqui em Piquete sentimos o problema. E vemos, com certeza, o deprimente espetáculo de menores maltrapilhos perambulando pelas ruas, dizendo palavrões e praticando atos de vandalismo.

Felizmente há homens de visão em nossa terra, que deram ao problema uma solução prática e objetiva, uma vez que a simples internação do menor não resolve.

Começou com a Prefeitura admitindo menores para determinados serviços municipais. Em seguida, a FPV recolheu outros menores para pequenos trabalhos externos. Finalmente, chegou a vez da SAP, que concorreu para a fundação da Guarda Mirim, em 15 de junho de 1968, e ocupação decente de muitos meninos, quase todos abandonados. Pessoas como o Sr. Michel Gons, Sebastião Azevedo, Nelson

Bacariça, Sr. Djalma, Aurélio de Campos e outros, fizeram parte da primeira diretoria.

Como sede foi utilizado um sobrado abandonado pelos herdeiros do “seu José Padeiro”, que estava sob os cuidados da Prefeitura e foi liberado para uso da entidade pelo então prefeito, Sr. Christiano Rosa.

O trabalho de preparo das crianças – todas entre 12 e 16 anos – foi entregue à Polícia Militar, cujo comandante, à época, era o Sgto. José Carlos da Luz. Como instrutor, foi indicado o cabo Silvio Theodoro, que recebia treinamento especial, periódico, em São Paulo, para a função.

Esses garotos prestavam um trabalho muito útil à coletividade. Auxiliavam no serviço interno de trânsito e orientavam motoristas e pedestres com senso de responsabilidade.

Nas festas da cidade fazia gosto vê-los desfilando garbosamente com seus uniformes cáqui, modelo militar. Modestos, mas admirados.

E não era só isso. Além das pequenas, mas úteis missões que executavam, os meninos recebiam ainda instrução intelectual, cívica, moral e religiosa, o que os tornava aptos para o futuro, em sociedade.

A guarda mirim vivia, entretanto, de mensalidades de alguns abnegados associados, não obstante sua manutenção ser dispendiosa, pois os “guardinhas” recebi-

am uniforme gratuitamente, além de uma pequena gratificação mensal.

Foram feitas campanhas e muitos apelos às pessoas de bom senso e boa vontade para que ingressassem no Quadro Social da Guarda Mirim, para que se mantivesse a sua tão digna finalidade, mas, infelizmente, em 1973 ela chegava ao fim. Exemplos importantes de cidadania e preocupação com o próximo foram dados por esta entidade que, devido à sua importância, foi declarada como de utilidade pública pela Lei Municipal nº 583.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Waldemar da venda

Há 40 anos no mesmo endereço, o Armazém Floresta é um dos pontos de comércio mais antigos da cidade. Ali trabalha o sr. Waldemar.

Nascido em Piquete em 20 de outubro de 1935, Waldemar de Oliveira Campos é filho do também comerciante piquetense, Sebastião de Oliveira Campos (Mazagão) e de Leorlinda Oliveira Duarte (Lili).

Começou a trabalhar com o pai, aos 9 anos de idade. Aos 15, passou a ser funcionário do “seu Dorvalino”, em um bar na Vila Barão.

Cursou o primário no Grupo Escolar “Antônio João” e, em seguida, passou a estudar na Escola de 1º e 2º graus da F.P.V., onde terminou o colegial.

Com 18 anos ingressou no Exército, em que ficou por 5 anos, dando baixa como sargento. Comprou, então, o seu primeiro negócio próprio: um bar.

Já em 1960, inaugurou o Armazém Floresta. Nesse estabelecimento fez toda sua vida. Aí casou-se, em 5 de novembro de 1960, com Maria de Souza Moraes Campos (Mulata) e criou seus cinco filhos. Pautando suas atividades no pensamento de que um comerciante deve trabalhar, antes de tudo, “.. com honestidade e servir com qualidade”, tocou o seu comércio durante todos esses anos, servindo tanto a população piquetense como à de cidades vizinhas. O resultado dessa dedicação, além do reconhecimento dos clientes, foi uma homenagem recebida em Guaratinguetá como um dos estabelecimentos padrão da região.

Waldemar sempre foi ativo também na comunidade. São reconhecidos os seus trabalhos, por vários anos, como membro do Rotary Club de Piquete, entidade da qual chegou a ser presidente.

Sua participação também já é tradicional na queima do judas, no domingo de Páscoa. Seu boneco é aguardado, todos os anos,



com ansiedade. Sempre em frente ao Armazém Floresta, a queima do “traidor de Jesus” é esperada, pois junto com ela vêm os doces e salgadinhos que distribui fartamente. O judas armado faz sempre uma referência a algum fato que esteja em evidência no plano político nacional ou municipal. Nesses vários anos, histórias como a competição com o Porto ou a picada de uma aranha são lembradas com carinho. A tal aranha o picou na véspera da queima do boneco. A dor era grande e o levou ao hospital, mas não lhe tirou a preocupação com o término da “obra”.

Próximo dos 65 anos, Waldemar está aposentado e transferiu o controle do Armazém ao filho Júnior, que colabora junto do caçula William. Sua vida é ao lado da esposa e dos 8 netos. Mantém a preocupação em continuar transferindo aos filhos as noções básicas que lhe nortearam a vida de comerciante: a integridade e a boa vontade no servir.

À esquerda, o Judas feito pelo Sr. Waldemar e, à direita, o feito pelo Sr. Edson Porto, tradicionais “rivals” na preservação de tão tradicional folgado popular em nossa cidade. Fotos de abril de 1978.



Foto arquivo do Sr. Waldemar



Foto arquivo do Sr. Waldemar

Carta da FCR ao Ministro da Defesa.

A Fundação Christiano Rosa entregou ao Exmo. Ministro da Defesa da República Federativa do Brasil, Sr. Geraldo Magela da Cruz Quintão, por ocasião de sua visita a Piquete no dia 28 de julho de 2000, uma carta mostrando a importância da IMBEL/Fábrica Presidente Vargas para nossa cidade.

A carta, escrita pela Diretoria da FCR, foi pensada após tomar conhecimento da atual situação financeira da IMBEL que, se não sanada a tempo, poderá trazer sérias consequências para Piquete como um todo.

Leia, abaixo, a íntegra da carta:

“Senhor Ministro,

A Fundação Christiano Rosa, com sede em Piquete – SP, é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, que se destina a promover, incentivar e patrocinar atividades nos campos da educação, cultura, artes, assistência social, ciências, tecnologia, meio ambiente e resgate da cidadania. Foi declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1537, de 24 de dezembro de 1997.

Tendo tomado conhecimento da visita técnica de Vossa Excelência e sabedora das dificuldades de ordem financeira por que passa a IMBEL e, nesse contexto, suas unidades fabris, entre elas a Fábrica Presidente Vargas, no município de Piquete, vem, mui respeitosamente, expor o que segue:

- Para nossa cidade, a paralisação de suas atividades, mesmo que temporariamente, trará reflexos de calamidade pública, uma vez que o município não dispõe de outras indústrias ou fonte de recursos que possam sustentar, de forma direta ou indireta, sua população.

- Historicamente, a base econômica do município está calcada na Fábrica Presidente Vargas.

- Os reflexos sociais resultantes da paralisação do processo produtivo da Fábrica Presidente Vargas trarão consequências irremediavelmente nefastas para toda a sociedade piquetense e muitas famílias que dela dependem direta e indiretamente, num momento em que o país e autoridades governamentais se desdobram no sentido de impedir o crescimento da pobreza.

Neste sentido, aproveita a oportunidade da visita de Vossa Excelência para solicitar-lhe, como membro do governo desta Nação e responsável pelo destino de seu povo e em particular pela IMBEL, para que, sensibilizado com a situação que ora se apresenta, muito mais de natureza social que econômica, seja o guardião dos anseios de uma comunidade que, sem a Fábrica Presidente Vargas, perecerá na estagnação e na miséria.

Na certeza de contar com a atenção de Vossa Excelência, agradece, antecipadamente.”

Memorial dos Moradores de Piquete - 6

Quido, o craque da vontade, em dois tempos: 2º tempo

A memória sagrada do trabalho

Na linguagem escurrita e das palavras bem pronunciadas de Quido, o trabalho na Fábrica Presidente Vargas foi o seu grande empenho. Lembrou-se, emocionado, de mais de 35 anos de atividade na indústria bélica e os dois anos dedicados ao Exército.

Entrou para trabalhar em 13-10-1937, mas saiu em Maio de 1940, para servir ao Exército entre 12-07-40 e 12-07-42. Estava engajado no Quinto RI, em Lorena, hoje 5º BIL.

Readmitido na Fábrica a 17-07-42, esteve em atividade até 28-01-75, quando se aposentou. Diz ele: “adorava e adoro a Fábrica, e não fico satisfeito quando reclamam dela”.

Por meio desse trabalho conseguiu se ajeitar na vida, casar e criar os filhos; portanto, a gratidão eterna é o seu lema. Claro que se lembra, com tristeza, das explosões que ceifaram vidas, mutilaram e causaram conseqüências danosas, muitas delas irreversíveis. Lamenta a perda de amigos e companheiros do trabalho e lutas. Enfatiza, igualmente, as dificuldades em desenvolver a orientação pela segurança e o descaso e descuido de alguns na falta do uso dos equipamentos de proteção: óculos, macacão, luvas, botas.

Assim era no seu tempo de trabalho.

Cronologicamente, ordena suas memórias dos locais de atividades: Laboratório Central, Hospital, e 5º Grupo, onde manipulava o TNT, o Trotil, cuja periculosidade era aumentada pela necessidade da urgência de entrega do material encomendado. Aponta alguns problemas no desenvolvimento dessa atividade por parte de alguns trabalhadores, em relação ao alto risco a que estavam expostos como: esquecimento na manutenção da temperatura adequada, negligência na observação do funcionamento total do setor e desgaste do maquinário, além do obsolescência de alguns equipamentos. Observações pertinentes de funcionário competente.

Lembra-se da Revolução de 32, quando viu muitos de seus companheiros serem transferidos para São Paulo, para trabalhar na manipulação de armas e munição, particularmente na Escola Politécnica.

Rememora as muitas lutas havidas na linha da fronteira com Minas, as mortes e os ferimentos. Lamenta a causa perdida pelos paulistas e engrandece-lhes a coragem

e pertinácia.

Considera, em seguida, como era o Piquete antigo: as ruelas tortas, as casas simples e modestas, o passar das tropas e boiadas, os ranchos de pouso e a Estrada Velha vinda de Lorena na demanda da Tabuleta e Benfica. Identifica, com riqueza de detalhes, os elementos de transporte dos tropeiros, os tipos de animais, o arranjo das tropas, a presença da madrinha líder com seu cincerro tilintante e as fitas vermelhas esvoaçantes, os condutores, suas histórias e narrativas em vocabulário próprio. As mercadorias, como por exemplo, as frutas, os queijos e o toucinho são referências especiais. Lembra-se Quido, particularmente, dos marmelos para fazer doce. Fala sobre a comida dos tropeiros e do espaço considerável no arranjo do pouso de dona Mariana Relvas. Ali, observava atentamente as falas, usos e costumes. Exemplifica que o vocabulário dos tropeiros acabou incorporado pelos habitantes do lugar.

Faz, em seguida, um inventário dos tipos de vegetação, incluindo as árvores como as caviuneiras frondosas e resistentes, de copas avantajadas para a sombra do repouso do gado. Considera, em seqüência, a formação dos pastos, as capoeiras do caraguatá espinhoso, com cachos de frutos semelhantes às brejaúvas, boas para fazer xaropes, e de outras ervas medicinais.

Quido, o esportista

Foi titular do Esporte Clube Estrela, agremiação mantida pela Fábrica Presidente Vargas, de 1943 a 1953. Esteve envolvido nos campeonatos vitoriosos do esquadrão que disputava a liderança entre os principais times regionais e estaduais. Essa gloriosa carreira foi construída sem deixar de cumprir as pesadas jornadas de trabalho nas escalas das 24 por 48 horas dos pernoite, para os quais ia ou vinha nos momentos de treinos e jogos. Inúmeras fotos registram sua presença decidida e forte. Cultivava, além dos exercícios de praxe, uma norma pessoal auto-exigente de preparo físico com atividades prolongadas de corrida e ginástica. Vinha de um longo aprendizado pessoal desde garoto, nas várzeas com treino de chutes nas provas de resistência.

Com certeza essa é a explicação do porte de saúde que ostenta, do corpo sem adiposidades e do olhar firme com que nos encara.

Lembra, emocionado, a torcida fiel que acompanhava o Estrela, até para distâncias maiores nos jogos disputadíssimos. A invencibilidade do time em 1948 e 1949 é uma das suas mais gratas recordações.

Quido continua sempre rememorando os amigos, os vizinhos raienses, os familiares, as caçadas de passarinhos, as pescarias, os passeios pelas matas e caminhos longínquos. Cita antigos moradores dos bairros rurais e das áreas altas que visitava nessas andanças, e dos que, saudáveis, ultrapassavam os 100 anos de idade, como o Crispinzinho, preto velho dos Marins, que, montado no seu burrico, ia sozinho até Itajubá.

Diz, em seguida, de boa memória, os nomes dos sitiantes e fazendeiros que visitava e conhecia pormenorizadamente.

Gosta de lembrar os importantes campeonatos de jogos de malha e de cartas na Raia. As disputas eram acirradas e atraíam muitos contendores, completa emocionado.

Medita um pouco quando falamos do futuro de Piquete. Deseja o rápido progresso da cidade e almeja para ela o desenvolvimento do turismo. Imagina a construção e instalação de hotéis nos pontos elevados e a presença de um teleférico ligando os pontos mais altos, para passeio de observação da paisagem privilegiada.

Não se cansa de enfatizar que crê e deseja para a nossa cidade o melhor e, para esse fim, contribui estimulando os filhos e netos. Usa seu próprio referencial desde a infância no trabalho adquirindo responsabilidade e no cultivo do esporte como prática educativa. Sua frase emocional ao fim da entrevista é a do homem esperançoso, estimulante, de espírito forte e voluntarioso no aprendizado da vida.

Exemplar, aprendeu da vida a mais bela lição – a do lutador incansável e vencedor das barreiras, na tranquilidade dos gestos calmos.

Termina louvando a gente boa da Raia, seus vizinhos e amigos, que embora alfabetos, muitos deles, e negros marginalizadas pela cor da pele, sempre foram, de fato, verdadeiros mestres da sabedoria da vida, dos quais Quido tem sido um dos mais valiosos resultados.

Entrevista em fevereiro de 2000.

Dóli de Castro Ferreira

O eleitor não deve se omitir:

ANTES DAS ELEIÇÕES:

- Informar-se, acompanhar o processo de escolha dos candidatos(as), perceber que grupos se unem e com que interesses estão disputando as eleições;
- Exigir programa de atuação do candidato(a) e ter claro sua vida na comunidade.
- Fazer política: conversar sobre o processo eleitoral, debater sobre o perfil do candidato ideal e comprometido com a transformação e a justiça social;
- Combater os votos nulos e a corrupção eleitoral (compra de votos);
- Combater políticos carreiristas e o voto sem critérios.
- Apoiar candidatos que visem ao “bem comum”.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES:

- Aceitar o resultado e reconhecer os eleitos, desde que legítimos, sem rancor e vinganças;
- Fazer acompanhamento dos eleitos para que cumpram o que visa ao “bem comum” e principalmente não deixá-los “cair em tentação”.
- Colaborar com os eleitos para defender juntos idéias e projetos que venham a atender toda a comunidade.



Professores da Escola Industrial: da esquerda para direita: em pé, Sgt. Hermógenes, Léo (Hélio Fábio Di Domênico), Carlos Vieira Soares, Antenor Figueira, Augusto Ribeiro de Souza e Mestre Antônio Brasilino. Sentados: Sr. Aquino, Vili Viéti, César Dória, Laércio José de Azevedo, Norberto Gali e João Ramos. Foto de 1º de março de 1945.

Foto arquivo Pro-Memória

A Escola Industrial da Fábrica Presidente Vargas

No dia 10 de setembro estarão se reunindo, para uma confraternização, ex-alunos, professores e funcionários da antiga Escola Industrial de Fábrica Presidente Vargas de Piquete, desde sua fundação, em 1942, até sua extinção... Foram mais de quarenta anos de história e educação que poderão ser recordados neste encontro.

Em carta dirigida ao "O ESTAFETA", em 24 de abril de 1997, o Prof. Miguel Kruse Médice dá um longo depoimento dos primeiros anos dessa aventura do ensino da qual ele foi um dos pioneiros:

"(...) Fui um dos privilegiados pracinhas, detentores de diploma acadêmico, como os meus fraternais companheiros, José Geraldo Evangelista, a cabeça jurídica do empreendimento, Juracy Faury, o economista dele, Ludovido Leonardo Molica, Hélio Fábio Di Domênico (saudades!...), o dinâmico coronel José Pompeu Monte recrutou no seio da 3ª Cia. do 5º Regimento, destacada em Piquete, onde prestávamos o serviço militar durante a última Grande Guerra, nos idos de 1943, para formarmos o corpo docente da Escola Industrial no primeiro ano de sua vigência oficial.

No ano anterior funcionara o Curso de Emergência, do qual foi o factótum, assumindo a direção de várias disciplinas, matemática, desenho, música, educação física, aquele talento multifacetado, sobretudo alma de escol, o carismático José Laércio de Azevedo.

Que estimulante experiência de vida!... Que pureza de convivência fraterna!... Aquele estágio de vida em Piquete, quinze anos de minha existência, marcado por tão enriquecedora competitividade pelo êxito do trabalho coletivo, irmanados, por

amor à Escola, líder, mestres, alunos, pais, população – a mais perfeita, estimulante integração social no terreno educacional – consubstanciou a nossa formação humana, calçou o nosso sucesso profissional. Os pioneiros, jovens cultos e idealistas, sob a lúcida liderança daquele oficial empreendedor, nós nos engajamos, de corpo e alma, naquele empreendimento. Bissonhos na arte de ensinar, mal de Escola conhecendo a estrutura convencional, temendo falhar em nossa tarefa, acabamos por realizar, neste complexo terreno, obra original, tida como modelo no gênero. O Departamento de Assistência da FPV, agrupando várias escolas, desenvolvendo atividades extra-curriculares, acudia plenamente ao leque da demanda vocacional, encalhando o futuro promissor da juventude local. Em sua vigência,

Piquete se tornou o maior centro educacional do Vale do Paraíba. A originalidade do nosso empreendimento despertou a curiosidade e o interesse das autoridades do ensino, no Brasil, tanto que o maior pedagogo brasileiro, na época, de renome internacional, Prof. Lourenço Filho, fez questão de vir conhecer, in loco, aquela revolução em organização de ensino. Entusiasmado, de volta ao Rio, então capital do país, antecipou-se à curiosidade da imprensa por sua viagem, convocando-a, de motu próprio, para divulgar tão original experiência no campo educacional. (...)"

Este depoimento mostra-nos o quão importante foi a Escola Industrial da FPV para Piquete e o Vale do Paraíba, na formação de jovens íntegros, com excelente capacidade técnica para o mercado de trabalho de todo o Brasil.

Banda da Escola Industrial. Ao centro, o Prof. Laércio José Azevedo. Foto de maio de 1944.



Foto arquivo Pro-Memória

Saudades de quintais

Marúscia de Oliveira

Da pequena janela do meu quarto, des-sas de madeira, que ao abrir escancarava-se uma folha para cada lado, podia me dar ao luxo de devastar com os olhos o quintal mais cobiçado e inatingível do bairro. Cobiçado, por nele repousarem as tentações da infância: mangas vestidas de amarelo e sustentadas em perfume, goiabas verdolengas e provocativas, jabuticabas com olhares matreiros, carambolas confusas e engomadas, jambos, frutas do conde... e tantas outras perdições diferentes em cores e sabores. Inatingível, por ser uma fortaleza cercada de muros altos chapiscados de argamassa e com cacos de vidro cuidadosamente colocados nas bordas. Cacos que, de tão pontiagudos, retalhavam os raios do sol, refletindo na calçada a luz esfiapada do cair da tarde.

A fortaleza contava ainda com seus dois guardiães — Seu Jovino, o feliz dono, o Adão do paraíso terrestre. Um homem rude no trato, sempre calado e devotado à propriedade. Mantinha a casa sempre fechada, indiferente ao burburinho da rua, mas sempre alerta ao movimento da criançada.

Seu Jovino tinha a colaboração e ajuda do inestimável e prestativo vira-lata Santelmo, que, ao menor sinal, latia roucamente e em segundos percorria toda a extensão do pomar, afugentando os passarinhos e as enamoradas rolinhas que passeavam entre as folhas e as frutas que jaziam no chão.

Por diversas vezes, ouvia planos mirabolantes da molecada, e os pobres afirmavam que seriam bem sucedidos desde que conseguissem imobilizar o velho Santelmo — Impossível!

E para isso precisavam de uma “isca”, e a preferencia recaía sobre os menores. Porém, nunca ninguém se apresentou como voluntário para tão perigosa aventura.

E do meu privilegiado camarote observava o festival de delícias e me julgava o único ser capaz de transpor o muro, vasculhar de canto a canto o pomar e ainda acariciar a achatada cabeça do Santelmo. Pois meus planos eram condutores de minha imaginação e, para fazê-la funcionar, bastava abrir minha janela. E sempre que tinha oportunidade de vislumbrar aquele cenário proibido, me pegava a observar a franzina romãzeira. O peso de seus frutos arqueava levemente os ramos despidos de folhas. Detinha-me no formato arredondado — parecia uma bola inflada em sua capacidade máxima, prestes a estourar — e nas rachaduras de suas cascas deixando à mostra as sementes envoltas em suaves mantos adocicadamente rosados. Todas juntinhas, parecendo ovelhinhas com medo de perder-se do rebanho.

Arriscava-me a diagnosticar e chegava à conclusão de que se romã não nascesse fruta, Deus a faria flor. Uma florzinha com inúmeras pétalas, coradas diante de um olhar.

Estação das Artes

Há pouco mais de um mês, a “Estação das Artes”, na Vila da Estrela, é o mais novo ponto de encontro de nossa cidade. Todos os sábados e domingos, os piquetenses e moradores da região podem visitá-la. Nela estão sendo expostos os mais belos trabalhos de artistas e artesãos de nossa cidade. Lá poderão também degustar um saboroso café na roça, ao som de violino, violão, flauta ou teclado.

Vale um passeio até a Estação para apreciar esta jóia da arquitetura, marco da

ação militar em Piquete no início deste século, recentemente restaurada pela IMBEL.

A iniciativa de se criar a “Estação das Artes” coube à Sras. Anacyr Araújo e Evelize M. Chaves, que contaram com a colaboração de nossos artistas e artesãos, revitalizando este patrimônio de nossa cidade. Mais uma vez a IMBEL propicia arte e lazer a Piquete. Fica aqui o agradecimento de nossos artistas à administração desta empresa.

Detalhe da “Estação das Artes”.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Barra pesada!

Palmyro Masiero

Volta e meia dizem que Piquete já teve de tudo. Este tudo foi cantado em verso e prosa. Dentro de minhas recordações jamais me deparei com algo escrito a respeito de uma “fábrica de prazeres ou luxúria” — escolham — aqui existente, há tempos. Tabu ou pudores?

A data exata de sua instalação me é ignorada, mas suponho ter sido no tempo da II Guerra, quando um número grande de convocados viera servir na Fábrica. À época, Piquete era praticamente da Vila São José para baixo; pra cima, Juca Brito prosseguia no loteamento das terras de sua fazenda e muitas casas haviam sido levantadas. Salvo engano, toda a região era denominada Vila Barão.

Pois foi lá, atrás do Bar Triângulo, que construíram, em meia água, uns seis ou sete quartos geminados para estabelecer o metrício. Isso mesmo! Tudo oficial, com as ocupantes registradas na polícia e com carteirinhas de saúde. Coisa séria! As mais “abastadas” alugavam casas para não se instalarem em quatinhos.

Corria que o local era pior que “saloon” do faroeste. Tiros e facadas eram normalíssimos no pedaço. Ora, com meus oito para nove anos, que de vez em quando xingava algum desafeto de “fdp”, não tinha a menor idéia do que seria um filho daquela. Fiapos de conversa aqui, comentários na escola e terminei sabendo que lá na Vila Barão havia um punhado delas. Ainda “puro”, imaginava o que faria um casal dentro do quarto; “analisariam as propriedades das frações ou decoravam os afluentes da margem direita do Amazonas?” Fantasias mil... Como seriam?

Diante disso, a curiosidade de ver (ou dever inconsciente sensualista?) uma p. de verdade nos levava, durante o dia, até pouco além de onde se instalaria o bar do Alony e ficávamos à espreita para avistar alguma. Qual; nem a Bela, a mais comentada entre nós, que morava numa casa amarela da esquina, perto de onde botucávamos, conseguíamos contemplar.

Como sempre existe uma primeira vez, divisamos uma. Para mim foi a maior decepção. Uma mulher igualzinha às que conhecia. Sei lá que diabos de coisa imaginava ser uma prostituta!

O recinto, visitado todas as noites por muitos soldados do exército, carecia de disciplina: o pau comia solto. Como poderiam ser presos pelos “meganhas”, foi criada uma patrulha do Contingente para acalmar os agitados.

A Guerra acabou, anos correram e a escala de serviço do quartel manteve o patrulhamento. Quando servi ao exército (1949), esse era o item da escala mais disputado. Creiam ou não, os soldados “comercializavam” esse serviço, lá onde se jogava água fora da bacia. Quem fechou as “zonas” em todo o Estado foi o Governador Garcez. Aí brotaram as casas de massagem, motéis, acompanhantes...

Uma coisa melhorou. Atualmente está mais polidamente correto xingar-se alguém: “Seu filho de uma garota de programa!”

A F.P.V., nosso patrimônio, pode fechar?



Foto arquivo Pro-Memória

Casa 1, sede administrativa da IMBEL / F.P.V., na Vila Militar Estrela do Norte, em Piquete.

Ao me deparar com os problemas por que passa a IMBEL e, por consequência, com o futuro da Fábrica Presidente Vargas e de Piquete, não me contive em fazer algumas reflexões a respeito.

Será que todas as pessoas têm conhecimento da gravidade do problema, quando o Governo Federal, numa medida extrema, poderá decidir pelo seu fechamento, e das consequências relacionadas com o desemprego e desestabilização econômica das famílias e dos reflexos negativos no comércio da cidade?

Com certeza a população sofreria violentamente com uma medida desta natureza. Com a crise de desemprego por que passa o país, isto poderá ser agravado em nosso município que, praticamente, conta somente com a FPV. Do ponto de vista social será um tragédia. Por outro lado, me parece que não se pensa que o problema é da cidade.

Em alguns momentos importantes nesta estória, não tenho conhecimento da presença das autoridades do município e organizações de nossa sociedade se mobilizando para que não aconteça a desgraça.

É um momento em que todos nós deveríamos estar juntos e ao lado dos dirigentes da IMBEL / FPV, clamando por informações, desenvolvendo estratégias, políticas e articulações, na luta contra o fechamento. Me parece ainda que mais uma vez estamos à espera de que a solução venha por milagre.

Lá longe, em Brasília, nossos governantes não têm sequer a noção de que sem a FPV Piquete perecerá, as questões sociais se agravarão e estaremos regredindo em nosso desenvolvimento.

Vejo muros pintados, carros de som a passear pela cidade, políticos se mobilizando em busca do voto. E os interesses sociais primários de nossa cidade, emprego para as pessoas que precisam manter suas famílias com dignidade. Quem os está defendendo? Mais importante que qualquer outro assunto, no momento, é manter a FPV em funcionamento. No entanto, isso só será possível com o engajamento de todos.

Devemos ressaltar aqui o esforço da atual diretoria da IMBEL, que sensibilizada com as consequências sociais de um eventual fechamento da FPV, tem se desdobrado no sentido de sua manutenção. A permanência da FPV, com a manutenção de empregos, terá que ser uma bandeira de luta dos piquetenses.

Que os políticos e a sociedade civil se articulem em busca do bem comum agora, ou lamentaremos as consequências.

Desculpem-me meus amigos candidatos a cargos eletivos, mas penso que vocês terão que mostrar, agora, de quem querem ser representantes e se realmente o bem da sociedade piquetense faz parte de seus ideais de políticos e cidadãos.

A.M.G.

Estatuto da Criança e do Adolescente: 10 anos de conquistas e violações

O Estatuto da Criança e do Adolescente é a Lei federal 8069/90, sancionada em 13 de julho de 1990, que regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes brasileiros. É o resultado de muitos anos de mobilização dos mais diversos setores sociais, categorias profissionais e convicções filosóficas, políticas e religiosas.

E foi dentro desse quadro de mobilização popular em prol dos direitos da infância e juventude que a sociedade civil organizada conseguiu assegurar às crianças e aos adolescentes a condição de serem vistos e respeitados como sujeitos de direitos.

O Estatuto entende que crianças e adolescentes são pessoas em condição peculiar de desenvolvimento e com direito a receber cuidados especiais. A eles deve ser garantido o direito à vida e à saúde, a viver em família, a receber o aleitamento materno, a ser atendido em primeiro lugar nos postos de saúde e hospitais, direito à educação de qualidade, a estudar em uma escola perto de sua casa, a ir e vir, a se expressar, a receber atendimento especializado quando for portador de deficiência física, a ser acompanhado da mãe ou do pai quando estiver doente e internado, a ter atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade, de escolarização e

profissionalização aos adolescentes privados de liberdade, a não trabalhar antes dos 16 anos, a ser protegido no trabalho entre os 16 e os 18 anos, ao lazer, à cultura, à informação, ao esporte.

Motivo de muita polêmica e informações distorcidas, o Estatuto da Criança e do Adolescente aparece para a ala conservadora como uma lei que beneficia “marginais” e feita para os países de 1º mundo, não aplicável no Brasil. Isto é, segundo seus defensores, um grande equívoco, pois é um erro achar que o ECA beneficia adolescentes infratores; pelo contrário, existe uma série de medidas de internação e sócio-educativas, por vezes mais rigorosas do que o previsto no código penal. Nos países de 1º mundo o Estatuto não existiria porque os direitos das crianças e dos adolescentes já são respeitados.

Nestes 10 anos, muito coisa boa aconteceu na área da Infância e Juventude: a estrutura de participação, os Conselhos Tutelares e de Direitos das Crianças e Adolescentes estão em parte implantados; a educação está como prioridade; os indicadores sociais de saúde, educação e trabalho infantis, embora ainda apresentem graves problemas, têm apresentado melhoras; os municípios assumiram uma linha diversificada de programas voltados para as crianças e

adolescentes, como nunca havia acontecido antes e o Estatuto influenciou legislações semelhantes em mais de 15 países.

Existem ainda muitas dificuldades e violações do Estatuto: os Conselhos ainda não conseguem funcionar como deveriam, programas e ações não conseguem desenvolver-se devido a dificuldades econômicas, velhas instituições como a Febem ainda persistem, as Defensorias Públicas funcionam precariamente, falta apoio técnico aos municípios, as políticas públicas, principalmente as de saúde e educação, ainda não respeitam o que prevê o Estatuto, muitas crianças e adolescentes são assassinados, estão fora da escola, são vítimas do trabalho infantil, sofrem maus tratos, abuso sexual etc...

Na verdade, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente só se deve ao fato de o Brasil ser um país que, historicamente, nunca respeitou as suas crianças. A política social continua refém de um sistema econômico corrupto e perverso, que privilegia os Bancos e o interesses internacionais. Quando o Estatuto for integralmente respeitado, o Brasil será orgulho de todos o brasileiros, pois a infância e juventude terão, com certeza, uma perspectiva melhor para o futuro.

Ermelinda Gonçalves Uchoas

Apenas uma avenida...



Foto arquivo Pro-Memória

Avenida Gen. Gomes Carneiro, em foto de 1940.

Av. Gen. Gomes Carneiro. Imponente e risonha. O coreto, rodeado de jardins, traz aos olhos dos moradores o florir do sossego. Em tempos idos, o hospital e a farmácia tinham carinho com a saúde da população e, no largo, as meninas pulavam amarelinha e os meninos empinavam papagaios e corriam atrás da bola de capotão.

Por ser defronte ao campo do Estrela, os gritos de gols ainda ecoam por lá. O Rio Sertão, mesmo poluído, ensinou a gurizada a dar as primeiras braçadas ácidas. Em 1950, as casas eram assim distribuídas:

- Casa onde era o correio - Olga Rondon
- Casa nº 01 - Henrique Masiero e Dinha
- Casa nº 02 - Chico Marques e Hermínia
- Casa nº 03 - Paiva e Grabiela
- Casa nº 04 - Álvaro Dantas e Lourdes
- Casa nº 05 - Alziro e Mocinha
- Casa nº 06 - Antônio de Abreu e Ana
- Casa nº 07 - Pedro Galli e Eurides
- Casa nº 08 - Odilon Simas e Judith
- Casa nº 09 - Dito Bobagem e Tonica
- Casa nº 10 - Zé Lemes e Emília

- Casa nº 11 - José Maria e Maria José
- Casa nº 12 - Ari de Barros e Jandira
- Casa nº 13 - Bispo e Nega
- Casa nº 14 - Norival Chrispim e Dila
- Casa nº 15 - Chico Carvalho e Ernesta
- Casa nº 16 - Waldemar Oliveira e Mirtes
- Casa nº 17 - João Luz e Alice
- Casa nº 18 - Ditinho Batista e Odete
- Casa nº 19 - José Marques e Emília
- Casa nº 20 - Paula Souza e Amélia
- Casa nº 21 - Alcides Leite e Nadir
- Casa nº 22 - João Angelo e Filinha
- Casa nº 23 - Petro Torquato e Maria Ap.
- Casa nº 24 - Amâncio e Virgínia
- Casa nº 25 - Viana e Filinha.

Avenida operária e nobre. Seus filhos encontram-se espalhados pelos longínquos recantos do Brasil. Ali formaram-se artistas, oficiais das Forças Armadas, engenheiros, cirurgiões dentistas, professores e tantos outros profissionais.

O espírito de família reinava.

Quem não era parente era compadre três vezes. **Edival da Silva Castro**

Notas da Cidade

□ A Profa. Dóli de Castro Ferreira, da Comissão de História da FCR, apresentou trabalho sobre “Evolução das Cidades Valeparaibanas – Em especial Piquete”, no XV Simpósio de História do Vale do Paraíba, promovido pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), realizado em Quatís (RJ), entre os dias 13 e 16 de julho de 2000.

□ A Estação das Artes, na Vila da Estrela promoveu, na manhã do dia 13-08, uma caminhada e aula de ginástica. Orientado pela professora de Educação Física Alexandra Araújo, o passeio foi concorrido e proporcionou momentos de lazer e diversão a todos que participaram.

□ Ermelinda Uchoas, colaboradora da FCR, concluiu o curso de Pós-Graduação, com especialização em Educação Social pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Seu tema de estudo, “Educador – Educando: uma relação de ajuda”, já está sendo publicado.

□ O Colégio Modelo – Objetivo promoveu no dia 19-08, sua 1ª Festa do Folclore, sob o tema “Uma viagem através da Cultura”. A programação teve exposição e representações do folclore de diversas regiões brasileiras. Podia-se, também, saborear comidas típicas de cada região. Preocupado com a cultura do cidadão piquetense, o Colégio Objetivo está de parabéns por promover o resgate e o redescobrimento do folclore regional.

□ A Escola Professor Leopoldo promoveu duas comemorações no mês de agosto: no dia 11, com a presença dos alunos e seus pais, o Dia do Estudante; no dia 22, com uma exposição de trabalhos, apresentação de números de danças regionais, comidas típicas, o Dia do Folclore. O ponto alto da comemoração foram as “brincadeiras esquecidas”, como amarelinha, pique-esconde, queimada e outras.

As cidades e sua qualidade de vida

Dando continuidade à matéria do mês anterior, estaremos apresentando as conclusões do segundo Painel de Debates sobre a Qualidade de Vida nas cidades, variável essa de fundamental importância para as comunidades que desejam uma existência com dignidade e respeito ao meio em que vive. Para tanto, a definição de políticas públicas, com o envolvimento dos governos locais e da população é de importância vital para a conquista do Bem Comum.

PAINEL

Os governos locais e a qualidade de vida Poder e Limitações

1- Como o povo não tem participado da definição e do funcionamento das políticas públicas ambientais, o poder público se sente descompromissado de atendê-lo. Urge, pois, maior participação popular.

2- A CETESB, Companhia Estatal responsável pela fiscalização da questão ambiental em nosso Estado, pode celebrar convênios para a transferência de tecnologia no controle da poluição; contudo, muitos administradores públicos, notadamente Prefeitos, não sabem aplicar os recursos disponíveis.

3- É preciso haver Vontade Política para a melhoria da vida coletiva. Não sejamos apenas munícipes, mas sobretudo cidadãos.

4- A composição dos poderes públicos reflete cada sociedade com suas mazelas: analfabetismo, corrupção e desorganização social.

5- Os Governos locais precisam atender as necessidades básicas da cidade.

6- Seria interessante reunir representantes do ensino universitário e agentes ambientais públicos para viabilizarem um projeto de melhoria da qualidade de vida no âmbito regional. **CC**

Comunicado

1- O Cartório da 337ª Zona Eleitoral de Piquete estará de plantão aos sábados e domingos, no horário das 12h às 18h, no período de 08-07 a 30-09-2000, para entrega dos títulos aos eleitores.

2- A Urna Eletrônica se encontra à disposição no Cartório Eleitoral para treinamento dos eleitores. Venham conhecê-la.

Katia Margarido Barroso
Juíza Eleitoral

“Política é a busca permanente de meios e caminhos para a realização do bem comum.

É uma forma inteligente e eficaz de viver a caridade.”

Paulo VI